UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

MESTRADO
EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA

DUPLA EXCEPCIONALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE:

comunidades de prática na educação inclusiva

Jamille dos Santos Silva de Lima1
UNIVASF (Brasil)
jamille.lima.univasf.t6@gmail.com
Vanessa Nascimento dos Santos2
UNIVASF (Brasil)
Vanessa.nsantos@univasf.edu.br

Resumo: A dupla excepcionalidade, especialmente quando altas habilidades/superdotação (AH/SD) coexistem com o transtorno do espectro autista (TEA), ainda representa um desafio para a escola. O estudante pode ter dificuldades de comunicação, interação, autorregulação, flexibilidade ou participação que tornam menos visíveis capacidades cognitivas elevadas, criatividade, interesses aprofundados e aprendizagem acelerada. Em sentido inverso, o bom desempenho acadêmico pode levar à falsa compreensão de que não existem barreiras relevantes à aprendizagem. Revisões recentes destacam que a dupla excepcionalidade é heterogênea e exige a análise simultânea de potencialidades e necessidades de apoio, evitando leituras que privilegiem apenas uma dimensão do sujeito (Fusaro et al., 2025; Silva; Senger; Duarte, 2025). No caso do autismo, a inclusão também demanda escuta, mediação e intervenções ajustadas aos diferentes tempos e modos de aprender (Brande; Zanfelice, 2012). O problema deste estudo situa-se, portanto, na distância entre conhecer características diagnósticas e conseguir interpretá-las pedagogicamente em situações concretas. Conhecer TEA e AH/SD separadamente é necessário, mas insuficiente quando esse conhecimento não se transforma em observação qualificada, análise de barreiras, planejamento de apoios e oportunidades de desenvolvimento.

O objetivo é analisar as comunidades de prática como possibilidade de formação docente situada e colaborativa para ampliar a compreensão e a atuação pedagógica diante da dupla excepcionalidade TEA/AH/SD. Busca-se discutir como espaços coletivos de aprendizagem profissional podem favorecer um olhar menos classificatório e mais relacional sobre o estudante, articulando potencialidades, barreiras, currículo, participação, acessibilidade, avaliação, mediação e enriquecimento. Na perspectiva de Wenger (1998), comunidades de prática se constituem pela participação em uma prática compartilhada, com engajamento mútuo, construção de significados e repertórios comuns. No campo da formação docente, estudos apontam que esses espaços podem favorecer investigação, reflexão e produção de conhecimento sobre a própria prática (Corazza et al., 2017), inclusive no contexto escolar (Lopes; Tolentino Neto, 2023). Assim, não se reduzem a reuniões administrativas ou palestras eventuais: sua potência está em transformar experiências cotidianas em objeto de análise coletiva.

Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, bibliográfica e de caráter teórico-reflexivo. A análise foi organizada em três movimentos articulados: compreender a dupla excepcionalidade como coexistência de potencial elevado e necessidades específicas de apoio, com atenção a processos de invisibilização ou mascaramento; problematizar limites de

formações centradas apenas na transmissão de características diagnósticas; e examinar as comunidades de prática como estratégia de formação continuada capaz de aproximar conhecimento teórico, experiência docente e investigação colaborativa. A discussão privilegiou a relação entre sujeito, atividade, ambiente, currículo, mediação e participação, considerando que tais dimensões podem ampliar ou restringir a expressão das potencialidades do estudante.
Os resultados da discussão indicam que a dupla excepcionalidade exige superar oposições simplificadoras. Um estudante pode apresentar desempenho avançado em determinada área e, simultaneamente, necessitar de apoio para organização, comunicação, regulação sensorial ou participação social; pode demonstrar autonomia diante de conteúdos complexos e encontrar dificuldades em tarefas cotidianas; pode precisar de enriquecimento curricular e, ao mesmo tempo, de adaptações que eliminem barreiras de acesso e participação. Quando essas dimensões são analisadas separadamente, a escola corre o risco de reconhecer apenas parte do estudante. A formação docente precisa deslocar perguntas classificatórias para questões pedagogicamente produtivas: como ele aprende, em quais contextos suas potencialidades emergem, quais barreiras interferem em sua participação, quais apoios favorecem sua autonomia e quais oportunidades ainda não lhe foram oferecidas. Essa leitura é coerente com estudos que defendem reconhecimento e intervenção pedagógica integrados na dupla excepcionalidade (Silva; Senger; Duarte, 2025).
As comunidades de prática mostram-se relevantes porque permitem transformar a incerteza docente em matéria legítima de estudo coletivo. Professores podem compartilhar observações, formular hipóteses, registrar tentativas, experimentar estratégias e reavaliar decisões. Diferentes profissionais também podem perceber aspectos distintos do mesmo percurso: um docente identifica raciocínio elevado; outro reconhece barreiras de participação; o Atendimento Educacional Especializado analisa necessidades de apoio; e a equipe pedagógica relaciona variações de desempenho às características das atividades, mediações e ambientes. O conhecimento sobre o estudante torna-se, assim, mais amplo, processual e menos dependente de interpretações isoladas. Nessa dinâmica, a aprendizagem profissional ocorre pela participação e negociação de significados no coletivo, princípio central das comunidades de prática (Wenger, 1998; Corazza et al., 2017).
Essa construção coletiva também ajuda a compreender que respostas aparentemente contraditórias não significam ausência de capacidade ou aprendizagem. Uma habilidade pode emergir em determinado contexto e permanecer pouco visível em outro porque a demanda da atividade, a forma de comunicação, o ambiente sensorial, o modo de avaliação ou a mediação interferem na participação. Examinar as condições em que o desempenho é produzido evita que capacidades elevadas sejam usadas para negar apoios e, no sentido inverso, que necessidades de apoio reduzam desafios, expectativas ou oportunidades de desenvolvimento. Formar professores para a dupla excepcionalidade implica, portanto, formar para a complexidade: potencialidades não anulam necessidades de apoio, bom desempenho não elimina barreiras e o TEA não impede a manifestação de AH/SD. As comunidades de prática podem contribuir para uma formação continuada situada, colaborativa e reflexiva, qualificando não apenas informações sobre as condições, mas o olhar pedagógico e as decisões coletivas. O estudo vincula-se ao eixo Práticas e Processos Formativos de Educadores para a Educação Inclusiva ao reafirmar a formação docente como dimensão central para uma escola que reconheça simultaneamente potencialidades, barreiras e direitos de aprendizagem.

Palavras-chave: Dupla excepcionalidade. Formação docente. Comunidades de prática.

Referências

BRANDE, Carla Andréa; ZANFELICE, Camila Cilene. A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 25, n. 42, p. 43-56, jan./abr. 2012.

CORAZZA, Maria Julia; RODRIGUES, Jéssica Laguilio; JUSTINA, Lourdes Aparecida Della; VIEIRA, Rui Marques. Comunidades de prática como espaços de investigação no campo de pesquisa formação de professores. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 466-494, dez. 2017.

FUSARO, Luana Hillary; NAKANO, Tatiana de Cassia; NEGREIROS, Julia Reis; CHNAIDER, Janaina. Dupla excepcionalidade: revisão da produção científica nacional e internacional. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 38, 2025. DOI: 10.5902/1984686X93567.

LOPES, Andressa Freitas; TOLENTINO NETO, Luiz Caldeira Brant de. Comunidade de Prática no ambiente escolar: questionário como instrumento de pesquisa. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 1-22, jul./set. 2023. DOI: 10.26843/rencima.v14n3a06.

SILVA, Marli de Fátima da; SENGER, Neuri Eliezer; DUARTE, Sandra Bueno da Silva. A dupla excepcionalidade no contexto escolar: desafios, reconhecimento e possibilidades de intervenção pedagógica. **Revista Aracê**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 6, p. 30892-30904, 2025. DOI: 10.56238/arev7n6-106.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: learning, meaning, and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.